



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A TÉCNICA DA CAIXA DE PERGUNTAS ANÔNIMAS COMO FORMA DE TRABALHAR SOBRE O TEMA SAÚDE E SEXUALIDADE

Jéssica de Souza Hossotani¹; Lara Palicer de Lima²; Letícia Maria Capelari Tobias Venâncio³; Mary Cristina Olimpio Pinheiro⁴.

UFGD/FCH- Caixa Postal 533, 79.804-970- Dourados – MS, E-mail: jessicahossotani@hotmail ¹Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), E-mail: larapalicer@hotmail.com ²Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), E-mail: leticiacapelari@hotmail.com ³Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), E-mail: mary.c.pinheiro@hotmail ⁴Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID).

RESUMO

Sexualidade é presente na vida de qualquer pessoa, apesar disso é um tema que ainda hoje está rodeado de tabus. Quando pensamos sobre sexualidade no ambiente escolar, muitas são as dificuldades de trabalhar sobre esse tema, primeiro por parte de alguns docentes que não se sentem preparados ou mesmo tem receio de lidar com essa temática e, além disso, há a dificuldade dos alunos em se sentirem seguros, sem medos ou vergonha, de falar sobre o assunto e tirarem suas dúvidas. O objetivo deste trabalho é aqui relatar a experiência de utilizar a técnica denominada Caixinha de Perguntas Anônimas, a qual permitia que os alunos fizessem qualquer tipo de perguntas, para serem respondidas no decorrer das aulas, relacionadas ao tema Saúde e Sexualidade. Essas aulas ocorreram através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) de Psicologia, em uma sala de ensino médio, de uma escola estadual de Dourados, Mato Grosso do Sul.

Palavras Chave: PIBID; Sexualidade; Ensino Médio.

INTRODUÇÃO TEÓRICA

Ao longo de todas as fases de desenvolvimentos que o ser humano ultrapassa ao longo de sua vida, a adolescência se caracteriza por uma das fases com maiores transformações, sendo as físicas precedendo as emocionais, contando também com as mudanças cognitivas e sociais. Enfatizam-se ainda as alterações em seus relacionamentos afetivos e a constituição da sexualidade entre os jovens. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a adolescência é a idade correspondente dos 10 aos 19 anos sendo a pré-adolescência dos 10 aos 14 anos e a adolescência em si dos 15 aos 19 anos. Nesse momento, as explosões hormonais, envolvendo principalmente os hormônios relacionados a sexualidade, ocorrem de maneira acelerada e eles estão assim aptos a começarem a construir sua identidade sexual.

Segundo Maia et al. (2012) devemos observar a adolescência como um fenômeno que é construído historicamente, dessa forma deve ser considerado dependente do contexto cultural, social ou político em que esse jovem está inserido. Apesar de que a puberdade em si tem que ser vista diretamente a partir do desenvolvimento biológico.

Nessa fase de desenvolvimento, mas que em outras necessitam de orientação, tanto sobre fatores biológicos, como emocionais. Esse assunto é ainda tabu para algumas famílias, o que faz com que muitos adolescentes fiquem com dúvidas ou construam informações erradas e fantasiosas encontradas ao acaso ou no grupo de amigos. Esse conhecimento adquirido pelo senso comum acaba por ser insuficiente ou mesmo falso para responder algumas dúvidas acerca da sexualidade, o que pode provocar nos adolescentes a instauração de práticas sexuais errôneas e desprotegidas. Toda essa construção de conhecimentos errônea pode gerar grandes perigos para a saúde desse jovem, desde doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, como também um grande prejuízo emocional.

A sexualidade humana é um dos temas mais complexos e difíceis de serem abordados, principalmente no contexto escolar, ambiente onde existe forte receio e recusa por parte de alguns educadores. Porém a manifestação sexual ocorre durante toda a vida humana, de alguma forma, seria um grande equívoco por parte de a escola

ignorar ou desconsiderar esse fato, delegando somente aos pais a função da informação e educação sexual.

É no cenário escolar que a maioria das crianças e jovens passa grande parte do tempo, portanto este ambiente se configura como um cenário imprescindível para fomentar um pensamento crítico, reflexivo e educativo sob a importância do exercício de uma sexualidade saudável.

Ao destacar a grande relevância que a escola desempenha não se desmerece o papel ativo que a família e as demais instituições fornecem, visto que é a partir dos pais que as crianças retiram seus primeiros conceitos “sobre seu corpo, sua identidade, seu papel, o que é permitido ou desaconselhável na sociedade em que vive” (SOUZA, 1999, p.35).

Considerando que as crianças carregam com si as vivências e valores de seu contexto social, assim como suas crenças, em algum momento seus próprios pensamentos e dúvidas irão emergir dentro da escola e é fundamental que os educadores sejam capazes de fornecer as respostas adequadas para satisfazer as dúvidas e questionamentos desses jovens. As curiosidades da sexualidade são muito significativas para a construção da subjetividade do sujeito e portanto não devem ser desconsideradas

Partindo do pressuposto de que a sexualidade é desenvolvida com base nos mais amplos significados, que abrangem os mitos, tabus, crenças, comportamentos e preconceitos. A escola é o ambiente propício para desenvolver o processo de reflexão sobre as diferentes formas de se pensar esta questão, e possibilitar um espaço para que nas relações sociais os jovens sejam capazes de construir e desconstruir seus pensamentos a respeito da sexualidade. Um conceito mutável, passível de ser alterado tal como afirma Guimaraes (1995) “*pelos trocas com o mundo, que empresta um novo sentido e significado a cada vida*”.

Segundo Maia et al. (2012), o trabalho da educação sexual remete justamente a essa possibilidade de processo de reflexão e de criar novos pensamentos:

O trabalho de educação sexual na escola vai ao encontro de uma prática da psicologia da educação comprometida com o processo de humanização. O profissional deve estar engajado com a construção de um processo educacional no qual haja a socialização do saber e da construção do pensamento crítico, de maneira que seja possível transformar o imediato em mediato, apreender a realidade em suas múltiplas determinações e entender a sociedade

como um movimento de vir-a-ser (Maia et al. (2012) Apud Meira, 2006)

Conforme Altmann e Martins (2007) o termo a qual é utilizado nos movimentos sociais e de modo geral em bibliografias internacionais para indicar sexo feminino ou masculino pelo qual uma pessoa se sente atraída ou seleciona como objeto de afeto ou desejo é orientação sexual. Ao se referir a praticas educativas que possuem sexualidade como tema utiliza-se a educação sexual.

O termo educação sexual é muito mais amplo que o conceito de orientação sexual. Assim, deve estar atenta à promoção da saúde, trabalhando os temas mais emergentes, tal como a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis. Para a escola conseguir fornecer uma educação adequada é necessário que haja plena consciência do pensamento destes jovens.

O termo educação sexual é mais abrangente que o conceito de orientação

Porém a sexualidade é vista como uns grandes tabus em nossa sociedade, e por conta disso, muitos jovens se sentem acuados a demonstrarem sua opinião sobre o tema. Nunes (1987) afirma que *“[...] a sexualidade é sempre uma área de saber e de investigação essencialmente polêmica, visto envolver-se com elementos de ordem religiosa e ética de diferentes conotações e universos sociais ou subjetivos”*.

Outro ponto de destaque em relação da importância de se tratar sobre a sexualidade na escola está no fato de que é através da disseminação do conhecimento adequado que os jovens podem se tornar menos suscetíveis a contrair doenças sexualmente transmissíveis ou uma gravidez indesejada.

Para os autores Carradore e Ribeiro (2004) apud Ayres (1998) a escola deve ser redutora da vulnerabilidade a doença em três níveis: primeiro levando a informação com um cuidado na transmissão; segundo gerar a reflexão junto e para além dos espaços da educação formal; e como terceiro nível para alcançar caminhos reais na prevenção, a própria escola deveria oferecer, por exemplo, a camisinha.

O autor Carradore e Ribeiro (2004) apud Seffner (1998) fala um pouco de como a escola pública é uma das principais responsáveis por essa conscientização. Visto o aumento de casos de AIDS nos setores mais pobres e desfavorecidos. E ainda citam Wilde (2000) para falar como esse tema deveria também se tornar parte do currículo escolar a partir dos últimos anos de educação fundamental.

Além da ajuda como prevenção é interessante o debate de assuntos polêmicos acerca da sexualidade. Carradore e Ribeiro (2004) em um trabalho sobre a AIDS tratada no ambiente escolar apontam que além de se falar sobre a doença como forma de prevenção, deve-se também falar sobre os erros e equívocos sobre o tema que acabam gerando uma série de preconceitos para quem é portador do HIV ou doente de AIDS.

Trabalhar com a série de preconceitos a qual erros equívocos geram é importante por desconstruir fantasias quais os alunos constroem a cerca da sexualidade e contribuir para que haja superação de um ambiente escolar sexista e homofóbico, comum de se encontrar.

Com isso é importante que a escola forneça um ambiente em que os alunos se sintam confortáveis para exporem suas dúvidas, sem o medo de serem julgados pelos demais. Uma tarefa passível de ser alcançada, através da adequação do discurso do educador para seus alunos, elaboração de atividades capazes de cativar os estudantes, e envolvidos nos debates e diálogos.

Nessa perspectiva, consideramos que problematizar, questionar, dialogar e compreender, sejam os elementos inerentes à educação sexual e que está se constitui como aspecto do desenvolvimento humano dentro da prática escolar.

Diante disso, justifica-se a importância de atividades que forneçam espaço para o a palavra do estudante, que promovam o despertar de uma consciência sexual como algo intrínseco a existência humana.

Este artigo é apenas um recorte para apresentar uma iniciativa criada por nos bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) de Psicologia, da Universidade Federal da Grande Dourados, para fornecer ao ambiente da sala de aula um diálogo informal com os alunos de uma turma do primeiro ano do ensino médio. E assim oferecer aulas satisfatórias referentes ao tema transversal Orientação Sexual proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. Fora o conteúdo contido no PCN foram utilizados artigos científicos pesquisados na base de dados *Scientific Electronic Library Online – Scielo*. Esses materiais serviram de base tanto para a elaboração das discussões e introdução de conceitos científicos quanto resolver as questões propostas nesta dinâmica grupal, que será relatada a fim de demonstrar uma experiência de êxito na educação sexual.

MATERIAL E MÉTODOS

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) de Psicologia, da Universidade Federal da Grande Dourados, possibilitou realizarmos aulas expositivas em uma escola estadual, localizada na cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. As aulas lecionadas referiam-se ao tema de Saúde e Sexualidade. O público alvo do projeto foi uma turma do primeiro ano de ensino médio, composta por 45 alunos do período noturno. O grupo de acadêmicas a quais lecionaram as aulas se dividiu em um quarteto, a qual cada acadêmica era responsável por lecionar uma aula a cada semana.

Foram realizadas aulas semanalmente sem que houvesse participação ou acompanhamento dos professores que lecionavam as matérias para a turma. Os conteúdos que seriam expostos a essa eram discutidos e planejados anteriormente as aulas entre as acadêmicas. Desse modo ao realizarmos dinâmicas e respondermos questões, se tinha anteriormente um estudo necessário para garantir o domínio mínimo dos conteúdos lecionados. Os relatos das aulas quinzenalmente eram levados para o orientador do projeto, ao qual recebíamos orientações de como deveríamos prosseguir com as próximas aulas.

De modo expositivo as aulas ocorriam, sendo assim era utilizado data show para se explicar qual seria o tema trabalhado na semana. Dinâmicas eram realizadas para que aumentassem a participação e para criar mais discussão sobre os temas abordados. Era disponibilizado pelos professores aulas de 45 minutos, tendo dias a quais pudemos lecionar duas aulas seguidas conforme o tema.

As aulas eram planejadas de modo a qual despertasse interesse dos alunos em relação ao conteúdo exposto, assim gerando questões. Para que fosse possível responder as questões de todos os alunos, incluindo aqueles que possuíam vergonha de verbalizá-las, seja pelo tema que os deixavam constrangidos ou por serem mais retraído, utilizamos a técnica da “caixinha de perguntas anônimas”. Essa era realizada através de uma caixa de papelão pequena e de recorte de folhas de papel que distribuíamos para que os alunos escrevessem suas questões.

No primeiro contato com os alunos apresentamos e explicamos a esses que iríamos utilizar a caixinha de perguntas anônimas no decorrer daquele módulo. A caixinha de perguntas anônimas era utilizada de modo que no início de cada aula

distribuíamos um recorte de folha de papel para cada aluno, a qual esses utilizavam para escrever suas dúvidas referentes à aula dada ou outras dúvidas referente ao assunto.

Ao término da aula todos os alunos deveriam devolver os papéis dobrados à caixa, mesmo quando não houvesse nada escrito, pois assim mantínhamos o anonimato de quem realizou as questões. Mesmo em situações a quais os alunos se identificavam na questão ao respondermos essas mantivemos o anonimato do aluno.

As questões eram lidas pelas acadêmicas em encontros realizados fora do ambiente escolar, assim as questões eram discutidas e estudadas antes de serem respondidas aos alunos na aula seguinte. Cada questão foi respondida conforme se encaixava ao tema das aulas lecionadas, sendo assim havia questões a quais eram respondidas imediatamente na aula seguinte e questões a quais eram respondidas mais tardiamente. As questões referentes aos temas das aulas anteriores eram respondidas no início ou no final das aulas e questões referentes às aulas da semana eram englobadas e respondidas no decorrer da aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebemos que de início os alunos possuíam certo receio em depositar perguntas na caixa; portanto nas primeiras semanas os papéis retornavam em sua grande maioria em branco. A primeira pergunta que respondemos ao final de uma aula foi a seguinte "Por que Gay é Gay?". Explicamos para os alunos que não há uma definição universal de porque alguém é homossexual, nem um consenso se a pessoa nasce homossexual ou se torna homossexual. O que há são teorias e estudos, porém nada cientificamente comprovado.

Reforçamos que saber estas respostas talvez não seja tão importante quanto entender que a homossexualidade é o afeto pelo mesmo sexo, são apenas duas pessoas que sentem atração e se apaixonam por outra, assim como em qualquer relação heterossexual onde o afeto e a atração existem, porém pelo sexo oposto. Reforçando a necessidade de se respeitar e aceitar o outro com seus peculiaridades e diferenças.

Em discussão com a sala muitos alunos se mostraram bastante tolerantes quanto ao fato de alguém ser homossexual, demonstrando apenas dificuldade de entender a origem da atração e do afeto pelo mesmo sexo, uma vez que os mesmo se diziam

atraídos naturalmente pelo sexo oposto. Mas relataram não possuírem preconceitos e inclusive manter amizades e laços familiares com diversos homossexuais.

Já uma pequena quantidade de alunos se mostraram resistentes em imaginar a homossexualidade como algo "natural" ou aceitável, baseando-se em preceitos religiosos. Expomos que entendíamos esta resistência, pois cada um possui um tipo de educação e esta inserido em determinado contexto social, e que nossa intenção ali não era impor um tipo de verdade absoluta; mas que nada nos impede de aceitar o outro da forma como ele é, não precisamos ser como aquela pessoa ou fazer o que ela faz, mas sim aceitar ela como é, e deixa-la viver em paz com esta forma de viver.

A discussão criou um clima bastante hostil entre os alunos que possuem opiniões diferentes, e tivemos que reforçar para os demais alunos que assim como eles defendiam a homossexualidade, era importante deixar os colegas expressar suas opiniões baseadas em seus preceitos religiosos, e que não precisavam adotar aqueles conceitos como seus, mas apenas ouvir e os demais colegas com respeito e tolerância.

Ficamos contente com este debate pois pudemos conhecer mais a capacidade crítica desta turma, que apesar de em alguns momentos terem se mostrado bastante irritados com a ideia contrária durante o debate, o que consideramos natural para aquele momento; conseguiram se posicionar de forma crítica diante de uma causa tão pouco debatida no contexto escolar. E esta primeiro contato com uma resposta da caixa fez com que eles nos confiassem mais dúvidas, pois nas semanas seguintes o numero de perguntas se tornaram bem maiores.

As perguntas depositadas da caixa eram diversas, e a cada semana respondíamos as que se aproximassem mais do conteúdo ministrado naquela semana, para não misturar muitos assuntos e nem deixar que algum conteúdo fosse deixado de lado. A caixa também nos serviu como ajuda para realizar alguns planos de aula, que foram inclusive, adaptado dos e montados de acordo com algumas perguntas.

A caixa nos ajudou a não cometer o erro de deixar algo importante de fora de nosso plano de ensino, uma vez que nosso tempo era curto e haviam uma vasta lista de conteúdos a serem trabalhados neste Módulo. O que nos denotava esforço para uma planejamento impecável.

Podemos citar alguns exemplos de perguntas: "Quais os efeitos colaterais dos anabolizantes?"/ "Mulheres entre si gostam de homens com bens materiais? Ex: Sem gostar dele, ela fala que o ama"/ "O vírus da AIDS é transmitido pelo sexo Oral?"/ "o que é genitalidade?"/ "Qual a diferença do sexo- mulher com mulher homem com homem Heterossexual e Homossexual "/ "A maconha faz mal?"/ "O que é Erógeno"/ "A maconha faz mal?"/ "O sexo anal é bom? (tipo prazer?)" "No homem o que as mulheres mais se interessam fisicamente?" entre outras.

Como podemos observar em algumas perguntas como, por exemplo, "No homem o que as mulheres mais se interessam fisicamente?"; os alunos queriam respostas prontas, sobre algo que é muito particular e diferente de uma pessoa para outra. Então, nestes casos, não levávamos respostas prontas, mas sim discutíamos junto a eles a necessidade de não criar padrões e nem procurar se enquadrar em algo pré-estabelecidos, pedíamos para cada um expressar o que achavam sobre o assunto e discutíamos o quanto em uma sala com cerca de 20 alunos haviam opiniões diferentes e portanto não haviam verdades e padrões pré-estabelecidos.

O mesmo foi realizado com perguntas referente ao prazer e zonas erógenas, inclusive ministramos uma aula apenas sobre o tema em resposta para estes tipos de perguntas. Onde foi discutido que o corpo possui partes erógenas que são aquelas partes em que sentimos prazeres, e que mesmo que haja muitas partes comuns e aparentemente universais, o nosso corpo não se restringe apenas a elas. Assim como o sexo anal pode dar prazer para algumas pessoas e para outras nem tanto. Reforçando que é importante cada um conhecer o seu corpo, suas partes erógenas particulares, sejam elas comuns ou não e expressar isto ao parceiro e não reproduzir padrões de certo ou errado, nojento (como muitos expressaram), estranho ou normal quando se trata do próprio corpo.

Outras perguntas mais objetivas relacionadas a DST's ou drogas e anabolizantes foram respondidas de forma mais científicas e diretas para proteger a saúde dos alunos; mas possuíamos o mesmo intuito que nas demais respostas, onde prezávamos aflorar a criatividade e a capacidade crítica dos alunos frente aos dilemas relacionados a suas sexualidades e outros dilemas cotidianos dos quais eles mantem contato direto ou indireto e que pode afetar sua saúde.

Percebemos que após a primeira pergunta ser respondida, os alunos passaram a confiar mais em nós, não só pelo numero de perguntas depositadas na caixa nas

semanas seguintes, mas também por suas posturas em sala de aula, ficaram mais participativos e os debates eram bastante críticos. As perguntas eram bastante sinceras e denunciavam uma angústia de não ter onde recorrer por uma resposta tão particular. O que nos fez entender que talvez, sem a caixa, muitos alunos iriam sair deste módulo com dúvidas das quais jamais teriam coragem de verbalizar na frente da turma toda.

Outro aspecto importante é que as perguntas foram ficando cada vez mais íntimas, demonstrando que os alunos entenderam que responderíamos qualquer dúvida, e que não os julgariamos, assim como todas as dúvidas eram igualmente respeitáveis e importantes para nós e que estaríamos dispostas a acolher qualquer angústia e dúvidas trazidas por eles.

O anonimato da caixa permitiu que os alunos se mostrassem mais a nós, fator talvez pouco ou não alcançado sem esta ferramenta em um módulo onde trabalharíamos com adolescentes questões tão íntimas de seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tabus e receios que ainda estão presentes em nossa sociedade permeiam o tema sexualidade, e fazem com que essa temática ainda seja pouco discutida. A importância de se falar sobre o tema é notável, já que é a partir da discussão que podemos desmistificar esses tabus, tirar dúvidas e assim gerar uma orientação adequada sobre as formas saudáveis de se relacionar sexualmente.

Em decorrência do número de adolescentes grávidas e também da contaminação cada vez mais cedo de jovens por Doenças Sexualmente Transmissíveis, não podemos esperar que os pais ou cuidadores transmitam as informações necessárias preventivas. A escola é peça fundamental para criação de diálogos sobre Saúde e Sexualidade.

Pensando na fase de desenvolvimento que esses adolescentes se encontram no ensino médio, e também nesse medo de se falar sobre o tema, que propomos a ideia da Caixa de Perguntas Anônimas. O objetivo era que apesar de todos esses conflitos eles conseguissem se sentirem a vontade para tirar suas dúvidas, gerando quem sabe assim uma conduta consciente ao se relacionarem sexualmente e, além disso, também desmistificar alguns temas como homossexualidade, como acabou ocorrendo.

Olhando para o que retratamos a partir dos resultados e discussões podemos perceber que essa técnica foi muito eficaz. Apesar de não ter sido acatada logo de início, a partir do momento que viram como funcionava, se sentiram seguros e começaram a tirar suas dúvidas. Entendemos a partir disso que para qualquer um, mas mais ainda para o adolescente no contexto de uma sala de aula, o anonimato é peça fundamental para que esses se sintam a vontade com o tema.

Além disso, cabe ressaltar que embora não fosse à ideia inicial, essa técnica nos possibilitou modificar alguns planos de aulas para que as dúvidas deles fossem respondidas. Dúvidas essas que talvez não fossem sanadas a partir dos planos de aulas iniciais, pois os conteúdos que achávamos que deveriam ser trabalhados eram de acordo com referências teóricas que não necessariamente corresponderiam às dúvidas do cotidiano dos alunos.

Acreditamos através de todo esse trabalho que devemos investir em técnicas, que assim como essa da Caixa de Perguntas Anônimas, faça o aluno se sentir seguro e acrescente para construção do conhecimento conjunto. E que além de tudo, como no caso do nosso tema, contribua para uma conduta mais assertiva e saudável em relação a sexualidade.

AGRADECIMENTOS: Gostaríamos de agradecer ao CAPES por proporcionar possibilidade de entrarmos em contato com o ambiente escolar, enquanto bolsistas no Programa Institucional de Iniciação a Docência – PIBID, contribuindo assim com uma formação complementar para nosso curso de licenciatura. Agradecemos também à orientação recebida e a paciência conosco de nosso excelente orientador Professor Dr. Cristiano Da Silveira Longo. E agradecemos a Escola Estadual Floriano Viegas Machado por recepcionar o projeto PIBID- Psicologia com acolhimento e respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. Sexualidade na Escola. Grupo Editorial Summus, 1997.

ALTMANN, Helena. ; MARTINS, Carlos José . A sexualidade na juventude como foco de investimento político-educacional. Labrys. Estudos Feministas (Online), v. 10, p. jun/dez 2007.

BRASIL. MEC. (1998a). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF.

BORTOLINI, Alexandre. Diversidade sexual na escola. Rio de Janeiro, RJ. 2007.

CARRADORE, Vânia; RIBEIRO, Paulo Rennes. **AIDS e Educação Escolar: Algumas Reflexões Sobre a Necessidade da Orientação Sexual na Escola.** Revista Psi Artigos - Cap 5 - 2004. <http://www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-2-Cap5.pdf>

GUIMARÃES, Isaura. Educação Sexual na Escola: mito e realidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi et al . Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. Psicol. estud., Maringá, v. 17, n. 1, Mar. 2012 .

NUNES, César Aparecido. Desvendando a sexualidade. Campinas, SP, Papirus, 1987.

SOUZA, HÁLIA Pauliv de. Orientação Sexual: conscientização, necessidade e realidade Curitiba: Juruá.1999.